

AUDIO VIDEO MAGAZINE

ARTE EM REPRODUÇÃO ELETRÔNICA

ANO 15
OUTUBRO 2010

161

EDITORA
CAVI
clubedoaudio.com.br

R\$14 €6



A FORMA DA SEDUÇÃO

B&W 805D



NAD M2

NOVA GERAÇÃO DE
AMPLIFICADORES DIGITAIS



KRELL EVOLUTION 707

A REFERÊNCIA EM PRÉ-
PROCESSADOR HI-END

E MAIS

TESTE
AMC XIA

ENTREVISTA
BEI YAMAMURA
DESIGNER DE PRODUTOS HI-END

SAIBA MAIS
COMO CONSERVAR SEUS LPS







AMC XIA

XX Flavio Adami
flavio@clubedoaudio.com.br

Ao longo desses anos, desde o início da revista, testei uma infinidade de integrados e pude sentir a evolução sonora dos equipamentos mais novos em relação aos primeiros que passaram pelas minhas mãos. Na edição passada fiz a análise do integrado Rega Mira, um primor de fidelidade, e agora me veio para testes o amplificador integrado AMC XIA. Esse equipamento tem uma proposta de custo mais baixo, entretanto também de qualidade sonora bastante refinada. Graças ao retorno do vinil ao mercado, a grande maioria dos amplificadores voltaram a ter prés de phono integrados, o que facilita a utilização de toca-discos sem a necessidade de desembolsar mais dinheiro para comprar um pré de phono separado.

Considerando a sonoridade dos pequenos e milagrosos equipamentos hi-end que utilizam componentes de última geração, fica cada vez mais claro que um sistema high-end passa a poder apresentar bons resultados na reprodução de qualquer estilo musical: desde um simples quarteto de cordas a uma banda de fuzileiros navais, sempre com absoluta perfeição. Só que para isso é necessário caixas de grande porte com extremos precisos e bem definidos, uma sala de dimensões condizentes com o porte do equipamento e uma acústica perfeita, capaz de controlar as ressonâncias e principalmente as baixas frequências que são um eterno problema. Isso,

principalmente quando se ouve em altos brados sonoros. Amplificadores com uma enorme fonte de alta corrente e capacidade de controlar qualquer tipo de caixa, mesmo as de impedância baixa, fazem com que as percussões em um tímpano de grande sinfônica se façam sentir no peito, como em uma apresentação ao vivo.

Porém isso não significa que um pequeno amplificador integrado não possa ter o mesmo refinamento sonoro de um sistema de alto preço (principalmente na região dos médios e agudos) e também graves precisos e controlados, desde que não haja abuso no volume. Obviamente a coisa se restringe a uma altura de audição moderada e fica restrita a estilos de música mais comportados, onde qualquer integrado de pequeno porte transistorizado ou valvulado não seja exigido ao ponto de abrir o bico com aquele fatal endurecimento sonoro e distorção característicos de quando são exigidos a reproduzir os extremos de pressão sonora.

O integrado AMC XIA é mais um exemplo de um ótimo amplificador integrado de baixa potência com uma região média bastante refinada, capaz de agradar aos ouvidos mais exigentes. Tem como principais características cinco entradas (phono, CD, tuner, aux. / USB e tape). A entrada de phono é compatível com cápsulas moving coil e moving magnet e, aguardando o triunfal retorno dos gravadores ►



de rolo, possui, como tantos outros novos amplificadores, entrada e saída de tape, possibilitando inclusive a monitoração. Gostaria de chamar a atenção para esse detalhe, porque atualmente tenho a impressão que estou analisando amplificadores da década de setenta e oitenta, já que a maioria está vindo com prés de phono e entrada para tape, porém junto às novas tecnologias digitais. É apenas uma indicação que as velhas tecnologias voltaram definitivamente, mostrando que são imbatíveis.

O equipamento também permite uma excelente qualidade sonora utilizando como fonte computadores e outros através da entrada USB. O sistema de tone control pode ser cancelado através da chave 'direct', melhorando ainda mais a qualidade sonora. O estágio de potência utiliza um circuito de alta corrente com 30 ampères e capacidade para energizar a grande maioria das caixas acústicas, mesmo as de baixa impedância. Não utiliza relés, empregando uma topologia de circuito que conecta a saída às caixas acústicas sem nenhum tipo de interrupção e com isso oferecendo uma melhor qualidade sonora. Tem como característica diferenciada a possibilidade de se utilizar uma saída de energia independente para alimentar outro equipamento, através de um segundo cabo de força de qualidade audiófila.

Relembrando o último teste feito com o integrado Rega Mira, deu para notar que são dois amplificadores de projeto inglês e compartilham de características sonoras semelhantes. Porém, no caso do AMC, existe uma qualidade de áudio menos aveludada na região média, apesar de mais veloz, destacando com maior clareza os

microdetalhes. Seu grave é mais seco e o amplificador possui um maior fator de amortecimento.

Foi necessário um bom tempo de queima para que ele chegasse à situação ideal de audição. Entretanto, depois de alguns dias de uso, já mostrou características sonoras que chamaram minha atenção. Possui uma textura refinada com relação aos CDs clássicos que escutei, principalmente com instrumentos como violinos e cellos. O pré de phono também é muito correto, com boa suavidade e musicalidade, mostrando que a qualidade é mais do que suficiente e coerente com o nível do equipamento.

Com músicas nos estilos jazz, blues e rock (e outras mais agitadas), mostrou que realmente possui uma boa corrente e consegue controlar as caixas com grande autoridade. Apenas quando se utiliza volumes muito altos ele começa a demonstrar endurecimento e compressão, algo, afinal, inevitável em amplificadores de fonte e potência final modestas.

É sem dúvida um amplificador integrado gostoso de se escutar, onde o equilíbrio tonal possui boa coerência de resposta em toda gama de frequências. A dinâmica é outro fator de destaque, considerando um pequeno integrado de potência modesta, e ele dá conta de passagens musicais complexas mostrando muita autoridade. O corpo harmônico não foi destaque durante as audições, mas não comprometeu o resultado final do teste. O palco sonoro possui boa



